

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CHRIS MARKER — A MEMÓRIA DAS IMAGENS

14 e 26 de Novembro de 2024

A BIENTOT, J'ESPERE / 1968

um filme de CHRIS MARKER, MARIO MARRET

Realização: Chris Marker, Mario Marret *Fotografia:* Pierre Lhomme *Produção:* Iskra, Société pour le lancement d'œuvres nouvelles (Slon) (França, 1968) *Nomes creditados no genérico:* Chris Marker, Mario Marret, Pierre Lhomme, Michel Desrois, Carlos de los Llanos, Bruno Muel, Paul Bourron, Antoine Bonfanti, Harald Maury *Fotos:* Michèle Bouder, Jacqueline Meppiel, Gilbert Duhalde, René Vautier, Dominique Berchoud, Valérie Mayoux *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16 mm, preto-e-branco, dobrado em português (originalmente falado em francês), 40 minutos.

LA CHARNIERE / 1968-69

um filme de GRUPO MEDVEDKINE DE BESANÇON

Realização, Montagem: Antoine Bonfanti *Texto (escrito, lido):* Pol Cèbe *Produção:* Grupo Medvedkine de Besançon, ISKRA (França, 1968-69) *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falado em francês e legendado electronicamente em português, 12 minutos.

CLASSE DE LUTTE / 1969

um filme de GRUPO MEDVEDKINE DE BESANÇON

Realização: Grupo Medvedkine de Besançon *Nomes creditados no genérico:* Géo Binetruy, Bruno Muel, Suzanne Zedet, Simone Nedjma, Pol Cèbe; Vincent Berchoud, Juliet Bertot, Ethel Blum, Antoine Bonfanti, Francis Bonfanti, Michèle Bouder, Paul Bourron, Léo Brower, Zouzou Cèbe, Claude Curty, Michel Desrois, Michel Follin, Jean-Luc Godard, Andréa Haran, Joris Ivens, René Levert, Pierre Lhomme, Georges Lièvreumont, Jacques Loiseleux, Colette Magny, Chris Marker, Mario Marret, André Marteau, Jean-Marie Marteau, Jean Martin, Yoyo Maurivard, Harald Maury, Jacqueline Meppiel, Michel Pamar, Anne Papillault Ragnar, Silvio Rodriguez, Alain Rousselot, Jean-Pierre Thiebaud Trafo, Michèle Traforetti, Pierre Todeschini, René Vautier, Claude Zedet, Mohamed Zinet *Produção:* Grupo Medvedkine de Besançon (França, 1969) *Cópia:* DCP, preto-e-branco, falado em francês e legendado electronicamente em português, 40 minutos.

NOTA O primeiro filme da sessão é apresentado na cópia 16 mm da coleção da Cinemateca, uma cópia dobrada em português, cuja imagem é um pouco baça e um pouco oscilante em projecção.

O eixo da sessão ... reúne três filmes colectivos com epicentro na realidade operária de Besançon, centrados no mesmo "motivo", e até partilhando algumas das imagens, À BIENTÔT, J'ESPÈRE e CLASSE DE LUTTE, são produções SLON, dois registos de acontecimentos de cariz laboral e sindical, e, como o peculiar LA CHARNIÈRE títulos da efervescência filmográfica dos anos 1960 que assumem, também eles, um gesto de militância. As produções são da SLON, sigla de Société pour le lancement d'œuvres nouvelles, e do Grupo Medvedkine de Besançon, cujo começo algumas fontes sincronizam com LA CHARNIÈRE: este curto filme terá nascido de um registo sonoro, pelo conhecido engenheiro de som Antoine Bonfanti, do debate entre os operários da fábrica de Besançon após uma projecção de À BIENTÔT, J'ESPÈRE em Palente-les-Orchamps. Terá sido o facto que motivou Chris Marker a disponibilizar câmaras e ensinamentos básicos, de modo que os operários pudessem filmar a sua própria luta, como viria a suceder em CLASSE DE LUTTE.

A Rhodiaceta integrava uma série de fábricas têxteis do mesmo grupo Rhône-Poulenc, e a greve que aí tem lugar em Março de 1967 traduz a vontade dos trabalhadores em associar, nas suas reivindicações, questões salariais, de segurança no trabalho, o próprio modo de vida da classe operária. É o que retrata À BIENTÔT, J'ESPÈRE – até breve, espero como se ouve na versão dobrada em português que apresentamos – registando uma série de testemunhos de operários e sindicalistas (recolhidos em finais de 1967) evocativos da greve em que participaram uns meses antes, durante um período de cinco semanas que envolveu a ocupação da fábrica. Dos intervenientes, Georges Maurivard é aquele cuja voz transmite a convicção na possibilidade de mudança, não muito antes do Maio de 68. Alinhando pelo mesmo diapasão da luta operária, o posterior CLASSE DE LUTTE propõe um retrato centrado numa activista, Suzanne Zedet, operária da fábrica Yéma, em Besançon – de quem

há algumas imagens em À BIENTÔT, J'ESPÈRE –, num momento em que as greves se multiplicavam e Suzanne protagonizava um entusiástico envolvimento com a acção sindical, cujos anseios e ocasionais derrotas relata na primeira pessoa, enfrentando a desconfiança, ou o temor, dos mais próximos.

“O cinema não é uma magia. É uma técnica e uma ciência, uma técnica nascida de uma ciência e posta ao serviço de uma vontade: a vontade dos trabalhadores em libertarem-se” – lê-se num grande plano do texto dactilografado no início de CLASSE DE LUTTE, primeira produção do grupo Medvedkine. Convém notar que, especialmente associado ao trabalho militante de Chris Marker nessa época, o grupo surge depois de À BIENTÔT, J'ESPÈRE e na sequência de LA CHARNIÈRE (1968), em que Chris Marker parte de uma projecção do filme anterior, em Abril de 1968, e do debate que se lhe seguiu em torno da ideia do “romantismo” do retrato, e que o levou a encorajar os operários que aí se não reviam, a colaborar com os cineastas. Depois de Marker e o colectivo dos nomes creditados no genérico, ensaiarem dar a voz aos operários (À BIENTÔT, J'ESPÈRE), o grupo Medvedkine é formado no pressuposto de que “o cinema militante não pode nascer senão da colaboração entre operários militantes e cineastas militantes”, tendo em vista “dotar a classe operária das novas possibilidades de expressão, de representar pela fotografia, pelo cinema e pelo som, a condição operária a todos os níveis [...]”. A “luta” continuou. No que ao grupo Medvedkine disse respeito até aos primeiros anos da década seguintes, através da acção do pólo de Besançon e do de Sochaux, depois constituído, de que o primeiro filme foi SOCHAUX, 11 JUIN 1968, centrado no assassinato de dois operários da Peugeot, na data que o título evoca.

LA CHARNIÈRE, “o filme do meio”, é um filme sem imagens. Uma banda de som captada numa noite de Abril de 1968, ecos de um debate intenso após a projecção de À BIENTÔT, J'ESPÈRE em Besançon” entre os operários da Rhodiacéta (a que os trabalhadores aludem como Rhodia). É como diz o cartão inicial. E sim e não, é e não é um “filme a negro”: antes da banda de som há dois planos com imagens fotográficas e no final o mesmo elemento visual captado durante o dito debate pós-projecção. Entretanto, os doze minutos de *off* dão voz aos trabalhadores, indicando a incompetência do realizador ou diagnosticando o sistema repressivo do patronato que mina a liberdade de expressão dos operários ou ainda a condição específica das mulheres operárias na fábrica ausente do retrato de À BIENTÔT, J'ESPÈRE, ou ainda o mérito de ser um filme no qual os trabalhadores têm protagonismo no ecrã, etc, etc. Um filme apaixonadamente realizado, um filme apaixonadamente debatido, como se ouve no desfecho: o texto escrito e lido por Pol Cèbe serve de conclusão possível para as tensões diagnosticadas, o facto de realizar filmes, as pontes que é possível estabelecer.

Um trabalhador: “Porquê que os trabalhadores não se revêm [em À BIENTÔT, J'ESPÈRE]? Digo-o muito francamente, o Chris [Marker] é um romântico. Olhou para os trabalhadores, para a organização sindical, com romantismo. [...] A alma da classe operária são estas organizações [sindicais, etc.]”. Outro trabalhador: “Pensamos que o audiovisual está ao alcance de toda a gente e talvez o audiovisual, como a linguagem escrita, exija anos de estudo. Nós estamos convencidos que não é verdade. A prova foi feita aqui pelos camaradas do Grupo Medvedkine, que fizeram reportagens excelentes ao nível profissional sem nenhuma preparação técnica. Não precisamos de sair do IDHEC nem de Vaugirard para fazer audiovisual”. A outras e estas declarações sucede o texto de Pol Cèbe, “Talvez o Chris não fosse tão romântico como se supunha, a sua aposta não era gratuita. As equipas de cineastas acorriam a Besançon há já algum tempo, para nos revelarem o segredo das câmaras Beaulieu, Pentax e do gravador de som Nagra [...]. Porquê militar, contra quem, porquê e como? Aceitámos o desafio, não é simples. Para fazer cinema militante fomos ter com militantes, é um trabalho suplementar, depois de oito horas de fábrica... Hoje sabemos que o cinema militante pode nascer da colaboração de militantes-operários e cineastas-militantes.”

O que os três filmes da sessão também dão a ver é a galáxia aparentemente distante em que a expressão dos trabalhadores incluía o debate, esgrimia os termos do capitalismo, da repressão laboral, da discriminação entre homens e mulheres trabalhadores, do movimento sindical, de classe operária, de patronato, de uma noção de igualdade que punha, lado a lado, operários e cineastas.

Maria João Madeira